

Espacialização Sonora e Transduções Poéticas: do FM e o *Streaming* às Instalações

Mestra Camila dos Santos (PPGART-UFSM)

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa de doutorado em poéticas sonoras e visuais em andamento, realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, área de concentração Arte Contemporânea, linha de pesquisa Arte e Tecnologia, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Andreia Machado Oliveira. O texto trata sobre o princípio de uma poética desdobrada a partir de transmissões radiofônicas em rádio FM e via *streaming*, através das quais são criados paisagens e ambientes sonoros e instalações com tecnologias analógicas e digitais, entre o físico e o digital. Ou seja, uma proposição artística experimental de caráter científico e tecnológico, articulada entre plataformas de som e imagem, no tensionamento da relação entre o analógico e o digital, o ver e o ouvir. Dessa pesquisa, os conceitos dispositivo e transdução são mediadores da relação entre arte e tecnologia.

ARTE, TECNOLOGIA, DISPOSITIVO E TRANSDUÇÃO

A pesquisa de doutorado parcialmente apresentada neste artigo é um desdobramento de uma trajetória precedente de vivências e experimentações que envolve a Arte Contemporânea, a Arte Sonora e problemáticas que tangenciam a tecnologia e a comunicação, em vínculo direto com questões sociais, afetivas e políticas. Diante dessa conjuntura, utilize-se o termo dispositivo como um dos conceitos operatórios necessários para o esclarecimento da investigação, que se coloca entre mais de uma fronteira de entendimento e de uso poético, além de ter correlações com outros conceitos tomados, principalmente, da filosofia. Giorgio Agamben, da geração dos autonomistas italianos, infere a respeito da palavra dispositivo:

(...) chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas, etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar”. (AGAMBEN, 2009, p. 40-41).

Agamben e Michel Foucault alertam sobre a abordagem do dispositivo pelo viés do poder e do controle, seja na esfera divina ou governamental. Mas, na poética de doutorado aqui apresentada, o termo é apropriado ora enquanto uma estratégia, ora um meio que se desdobra em outros meios e poéticas, ora uma ação, ora uma intervenção, onde existe um atravessamento múltiplo. Prosseguindo com Agamben (2009), que se utiliza de um método filosófico-arqueológico, ele repensa os escritos de Foucault sobre o termo dispositivo, o qual se baseia nas relações de poder e saber, de redes discursivas e de instituições para a sua determinação. O filósofo italiano também se debruça sobre Jean Hyppolite (1907-1968), Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) e algumas definições encontradas em dicionários franceses.

Ainda com Foucault, a tradição de análise dos discursos não seria suficiente para analisar a conjuntura das tecnologias involucradas para a construção de subjetivação moderna. Eis que a palavra dispositivo é utilizada, então, para compreender esse processo, mas Agamben vai além das anotações de Foucault, fazendo uma genealogia do termo desde os pensamentos filosóficos do século VI A.C a Hegel, nos séculos XVIII e XIX. Nessa busca, Agamben (2009) resgata a palavra *dispositio* enquanto tradução latina do grego *oikonomia* – esta, mencionada no pensamento filosófico medieval – que significa administração do lar, em um universo do privado, do particular. *Oikonomia*, em especial a *oikonomia* divina, em seu uso no medievo, remete ao problema da trindade Pai, Filho e Espírito Santo, que separa e une a figura

transcendental de Deus a de Ser Múltiplo, com dotação de ações terrenas. Em outras palavras, Agamben traça uma herança teológica contida no dispositivo em Foucault:

(...) Os “dispositivos” de que fala Foucault estão de algum modo conectados com esta herança teológica, podem ser de alguma maneira reconduzidos à fratura que divide e, ao mesmo tempo, articula em Deus ser e práxis, a natureza ou essência e a operação por meio da qual ele administra e governa o mundo das criaturas. O termo dispositivo nomeia aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento no ser. Por isso os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito”. (Ibidem, 2009, p. 38).

Agamben prossegue com sua análise e propõe situar a palavra dispositivo em um novo contexto, dividida em dois grandes grupos ou classes – seres vivos ou substâncias e os dispositivos nos quais estes são capturados:

(...) Isto é, de um lado, para retomar a terminologia dos teólogos, a ontologia das criaturas, e, do outro, a *oikonomia* dos dispositivos que procuram governá-las e guiá-las para o bem. (Ibidem, 2009, p. 40).

Cabe destacar que o filósofo faz referência ao sentido que Foucault pensa a natureza humana e, ainda com o filósofo francês, a afirmação de que o ser humano é a construção da episteme de seu tempo. Por esse viés, Agamben analisa o mundo contemporâneo e seus dispositivos com o Ser, onde se geram múltiplas subjetivações, mascaramentos, oferecendo ao sujeito uma abertura para diversas individuações, o que se encontra em jogo na proposição de doutoramento aqui exposta. Das poéticas que nascem radiofônicas, com transmissão via rádio FM em um primeiro momento e, depois, no desdobramento em arquivos de *podcast* e transmissões via *streaming*, paisagens e ambientes sonoros híbridos daí emergem. Para, posteriormente, ocuparem espaços físicos e *online*, em instalações cujo imbricamento de dispositivo artístico seja a captação e a conversão poética de tais transduções artísticas.

O filósofo francês Gilbert Simondon (1924-1989), por sua vez, aborda a técnica enquanto parte integrante da cultura, com uma filosofia da técnica e teoria dos processos de individuação, ou seja, a tecnologia como parte orgânica de uma filosofia do devir. Simondon versa sobre a

necessidade de construir uma cultura técnica que inclua o seu desenvolvimento e a educação, e não sua oposição, indo contra a alienação tecnológica. Para ilustrar essa dicotomia, ele traça uma analogia entre a cultura e a criação de animais ou de manipulação de plantas: o ser humano, como técnico, não é o mesmo que o ser humano cultivado, segundo um julgamento pré-industrial que se rebela e opõe técnica à cultura.

La cultura está desequilibrada porque reconoce ciertos objetos, como el objeto estético, y le acuerda derecho de ciudadanía nel mundo de las significaciones, mientras que rechaza otros objetos, y en particular los objetos técnicos, y nel mundo sin estructura de lo que no posee significaciones, sino solamente un uso, una función útil. (SIMONDON, 2007, p. 32).¹

Dessa maneira, o filósofo afirma que o gesto técnico compromete o futuro, não se esgota e não se limita em sua utilização enquanto meio para chegar a determinado fim, pelo contrário, a técnica é um ato e modifica os meios e a evolução. A cultura, então, apresenta-se enquanto técnica de sobrevivência e instrumento de conservação, o gesto técnico é um gesto cultural, enfim, aí reside um questionamento ao dualismo de cultura e tecnologia. Simondon, ao pensar sobre o modo de existência dos objetos técnicos, questiona a oposição entre cultura e técnica, homem e máquina, oposição essa que é uma espécie de xenofobia primitiva, como se o objeto técnico fosse uma entidade exterior ao sentido do estético e uma tentativa humana de dominar as máquinas. Tanto que as figuras do robô e das máquinas andróides são apresentadas como produtos da imaginação e da ficção, as quais dizem muito a respeito da ambiguidade que existe acerca das ideias de automatismo, e não sobre o universo das máquinas enquanto gesto humano.

Frente a este rechazo defensivo, pronunciado por una cultura parcial, los hombres que conocen los objetos técnicos y sienten su significación buscan justificar su juicio otorgando al objeto técnico el único estatuto valorado actualmente por fuera del de objeto estético, el de objeto sagrado. Entonces nace um tecnicismo intemperante que no es más que una idolatría de la máquina, y a través de esta idolatría, por media de una identificación, una aspiración tecnocrática al poder incondicional. El deseo de potencia

¹ Tradução livre: A cultura está desequilibrada porque reconhece certos objetos, como o objeto estético, e lhe confere direito de cidadania no mundo das significações, enquanto rejeita outros objetos, e em particular os objetos técnicos, no mundo sem estrutura do que não possui significações, mas apenas um uso, uma função útil.

consagra a la máquina como media de supremacia, y hace de ella el filtro moderno. El hombre que quiere dominar a sus semejantes suscita la máquina androide. Abdica entonces frente a ella y le delega su humanidad. Busca construir la máquina de pensar, soñando con poder construir la máquina de querer, la máquina de vivir, para quedarse detrás de ella sin angustia, libre de todo peligro, exento de todo sentimiento de debilidad, y triunfante de modo mediato por lo que ha inventado. Ahora bien, en este caso, la máquina convertida por la imaginación en ese doble del hombre que es el robot, desprovisto de interioridad, representa de modo demasiado evidente e inevitable un ser puramente mítico e imaginario. (Ibidem, 2007, p. 32).²

Simondon, assim, fala sobre a tomada de consciência da realidade técnica e sua introdução na cultura, em prol do entendimento da defasagem de uma unidade mágica primitiva ao longo do tempo, na qual estão imbricadas as relações das técnicas e do pensamento humano na relação do homem com o mundo. E a ontogenética simondoniana é o pensamento que aborda a operação tecnológica também em nível físico-químico, que funde matéria, energia e informação, na qual não existe uma substância *a priori*, mas sim a interação das relações que se geram em determinado meio, indivíduo e conjunto. A informação não é apenas dado, mas sim uma potencialidade que se atualiza, com possibilidade inventiva.

El objeto que sale de la invención técnica lleva consigo algo del ser que lo ha producido, expresa aquello de ese ser que está menos ligado a un *hicet nunc*; se podría decir que hay naturaleza humana nel ser técnico, nel sentido en que la palabra naturaleza podría ser empleada para designar lo que queda de original, de anterior a la humanidad misma constituida nel hombre; el hombre inventa llevando a cabo su propio soporte natural. (Ibidem, 2007, p. 263-264).³

² Tradução livre: Diante dessa rejeição defensiva, pronunciada por uma cultura parcial, os homens que conhecem os objetos técnicos e sentem sua significação buscam justificar seu julgamento conferindo ao objeto técnico o único status atualmente valorizado fora do objeto estético, o de um objeto sagrado. Nasce então um tecnicismo destemperado que nada mais é do que uma idolatria da máquina e, por meio dessa idolatria, por meio de uma identificação, uma aspiração tecnocrática ao poder incondicional. O desejo de potência consagra a máquina como meio de supremacia e a torna o filtro moderno. O homem que quer dominar os seus semelhantes levanta a máquina andróide. Então abdica frente a ela e lhe delega sua humanidade. Busca construir a máquina de pensar, sonhando em poder construir a máquina do querer, a máquina do viver, para ficar atrás dela sem angústia, livre de todo perigo, isento de todo sentimentos de debilidade e triunfante de modo mediado pelo que inventou. Ora, neste caso, a máquina convertida pela imaginação nesse duplo do homem que é o robô, desprovido de interioridade, representa por demais evidente e inevitável um ser puramente mítico e imaginário.

³ Tradução livre: O objeto que sai da invenção técnica carrega consigo algo do ser que o produziu, expressa aquilo daquele ser menos ligado a um *hic et nunc*; poder-se-ia dizer que há natureza humana no ser técnico, no sentido de que a palavra natureza poderia ser empregada para designar o que resta do original, de anterior à própria humanidade constituída no homem; o homem inventa levando a cabo seu próprio suporte natural. (...).

Em outras palavras, a substância encontra-se no sistema, nas relações, não em objetos e sujeitos em si e isolados, o que demonstra um pensamento associativo. E, na presente pesquisa de doutorado, percebe-se a fluência entre esses limites, entre o corpo que se manifesta em tecnologia, a tecnologia que se intercambia em mensagem, o meio que se desdobra em código e programação. Ou ainda, com o próprio termo transdução, que é, ao mesmo tempo, um conceito presente na Engenharia de Áudio, que significa práticas mediadas por recursos eletroacústicos, utilizado para a compreensão das tecnologias de registro, processamento e reprodução do som. E, por outro lado, para Simondon, transdução implica uma operação não somente física, mas também biológica, mental e social. Em outras palavras, transdução remete a cada ponto dentro de um domínio e, também, à operação estruturante como um todo. Em certa medida, existe uma aproximação entre as intenções de Simondon e Vilém Flusser – este também procura abordar conceitos que problematizam a formação de uma cultura baseada no uso dos objetos técnicos.

Flusser defende, contudo, a ideia de uma cultura de participação dos objetos técnicos segundo elementos cujo intuito é o de direcionar a sociedade para um comportamento programado. Nessa cultura, é central a importância dos aparelhos sobre a ação de modificar a natureza e o ser humano, na qual programam a criação de novas informações dialogicamente com esses humanos, de acordo com a liberdade do sujeito pós-industrial e pós-histórico, concebido para comunicar e codificar símbolos.

O caráter artificial da comunicação humana (o fato de que o homem se comunica com outros homens por meio de artifícios) nem sempre é totalmente consciente. Após aprendermos um código, tendemos a esquecer a sua artificialidade: depois que se aprende o código dos gestos, pode-se esquecer que o anuir com a cabeça significa apenas aquele “sim” que se serve desse código. Os códigos (e os símbolos que os constituem) tornam-se uma espécie de segunda natureza, e o mundo codificado e cheio de significados em que vivemos (o mundo dos fenômenos significativos, tais como o anuir com a cabeça, a sinalização de trânsito e os móveis) nos faz esquecer o mundo da “primeira natureza”. E esse é, em última análise, o objetivo do mundo codificado que nos circunda: que esqueçamos que ele consiste num tecido artificial que esconde uma natureza sem significado, sem sentido, por ele representada. (FLUSSER, 2017, p. 86).

Nesse cenário, os aparelhos modificam os sujeitos e configuram uma nova categoria de objeto técnico. Embora o filósofo pesquise a etimologia da palavra, ainda assim a sua definição para aparelho é complexa e aberta:

(...) têm por intuito informar, simular órgãos, formular teorias e mesmo servir a interesses ocultos, os quais são manipulados pelos homens. Aparelhos não trabalham de modo que sua intenção não é a de modificar o mundo tal como são as intenções dos instrumentos. Estes últimos estão no terreno industrial e também do pré-industrial. Neste terreno, a categoria para toda definição dos objetos técnicos, é a do trabalho. Instrumentos figuram na ordem do trabalho.” (Ibidem, 2011, p. 41).

O conceito de instrumento, por sua vez, seria algo que obedece a determinados comandos humanos. São extensões de seus corpos biológicos, com o intuito de tirar os objetos da natureza e aproximá-los do homem, por meio da categoria do trabalho. Ou, ainda, são tecnicamente tidos como máquinas, que produzem e informam sobre a natureza. Em se tratando do aparelho, Flusser utiliza a fotografia, a câmera e o ato de fotografar como exemplo, no qual considera o aparelho não somente enquanto instrumento no sentido estrito do termo, mas sim um brinquedo que o ser humano pode manipular como um jogador, até esgotar as suas potencialidades, a sua programação, em um gesto técnico inventivo (FLUSSER, 2011, p. 44). O aparelho traz um pensamento, um texto, com possibilidades de combinação e potencialidades. O filósofo, contudo, faz uma crítica aos aparelhos, considerando que é necessário entender o processo de codificação, o programa, a fim de explorar suas potencialidades inscritas e até mesmo não desvendadas pelos usuários. Com o conceito de caixa-preta, relativo aos sistemas de entrada e saída de informações de um aparelho, no qual seu acesso acontece de forma indireta, a obscuridade da programação é o que desafia sua manipulação e suas virtualidades técnicas, o que podem vir a ser.

CONSIDERAÇÕES EM CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO

A partir dos breves cruzamentos anteriormente expostos, entre diferentes abordagens filosóficas, ora divergentes, em parte convergentes, a pesquisa de doutorado em andamento está

se estruturando, com o fim de lidar, questionar e entender os processos de transdução da poética que é, ao mesmo tempo, artística, comunicacional, científica e tecnológica. Pesquisa esta convertida em dispositivos de Arte Sonora e instalações físicas e *online* que se desdobram e se acionam mediante operações tecnológicas, programações analógicas e digitais e interferências artísticas que emergem disso tudo, através das quais os limites são relativizados e expandidos, as zonas de contaminação são extravazadas e os paradigmas repensados.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora Argos, 2009.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume editora, 2011.
- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Organizado por Rafael Cardoso. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Ed. 7. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008
- SIMONDON, Gilbert. *El modo de existencia de los objetos técnicos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

CIACT07 Transcendências

Congresso Internacional
de Arte, Ciência e Tecnologia e
7º Seminário de Artes Digitais 2022

ONLINE

06 a 10 de junho de 2022

Poéticas em trânsito: o encontro do literário com o sonoro, o visual e o gestual

GT8

Como citar este texto:

SANTOS, Camila. Espacialização Sonora e Transduções Poéticas: do FM e o Streaming às Instalações. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 7, 2022, Belo Horizonte. *Anais do 7º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais*. Belo Horizonte: EdUEMG, 2022. ISSN: 2674-7847. p. 903-911.